

Atitudes e percepções de alunos do Ensino Médio sobre a depressão na adolescência

Attitudes and perceptions of high school students about depression in the adolescent

^{1,2} Dolores Pereira Henriques da Silva de Souza doloreshenriques@yahoo.com.br

^{2,3} Grazielle Rodrigues Pereira

RESUMO

A depressão na adolescência é um evento comum e traz inúmeros prejuízos de curto e longo prazo, tais como mal rendimento escolar, alterações nas relações familiares e o aumento do risco de comportamento suicida. Portanto, o presente trabalho buscou investigar as percepções dos alunos do Ensino Médio Técnico de uma instituição pública de ensino acerca do tema depressão. Para a coleta de dados foi aplicada a técnica do grupo focal com 43 alunos de uma escola da rede federal, além de questionários fechados. Os resultados evidenciaram que os alunos não reconhecem a depressão como uma doença, acreditam que é algo incurável e que as pessoas que apresentam a doença têm dificuldades de buscar tratamento. Além disso, os adolescentes participantes do estudo percebem que as relações humanas dentro do ambiente escolar podem contribuir para o desenvolvimento da depressão. Pode-se concluir que os estudantes têm a compreensão de que a escola pode contribuir de forma positiva para a prevenção dessas ocorrências, contudo destacam a necessidade de criação de espaços para o diálogo entre toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Depressão. Adolescência. Ambiente escolar.

ABSTRACT

Depression in adolescence is a common occurrence and causes numerous losses, such as poor school performance, altered family relationships, and increased risk of suicidal behavior. Therefore, the present work sought to investigate the perceptions of the Technical High School students of a public institution of education about the depression theme. For data collection, the focus group technique was applied with 43 students from a federal school, in addition to closed questionnaires. The results showed that students do not recognize depression as a disease, believe that it is incurable and that people who have the disease have difficulty seeking treatment. In addition, the adolescents participating in the study realizes that human relationships within the school environment may contribute to the development of depression. It can be concluded that students have the understanding that the school can contribute positively to the prevention of these occurrences, but they emphasize the need to create spaces for dialogue between the entire school community.

Keywords: Depression. Adolescence. School environment.

1 Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ.

2 Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo De Meis/Universidade Federal do Rio de Janeiro

3 Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ)

1 INTRODUÇÃO

A depressão, ou transtorno depressivo maior, pode ser compreendida como uma condição clínica heterogênea caracterizada por alterações no humor e no prazer e interesse nas atividades, sendo que essas alterações podem ou não estar acompanhadas de outros distúrbios, como alterações neurovegetativas (OTTE et al., 2016; PARK & ZARATE, 2019).

De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017), o número global de pessoas que vivem com depressão ao redor do mundo abarca mais de 320 milhões, compreendendo pessoas de todas as idades e sexos. Destaca-se ainda que este número aumentou 18% entre 2005 e 2015, sendo a principal causa de incapacidade em todo o mundo (PROCHET, 2019). Estimativas sugerem que cerca de 47 milhões de crianças e adolescentes convivem com a doença ao redor do mundo (POLANCZYK, SALUM, SUGAYA, CAYE, & ROHDE, 2015). De acordo com Prochet (2019, p.46) a “depressão na adolescência surge entre os 13 e os 19 anos e o primeiro episódio depressivo costuma durar aproximadamente entre cinco e nove meses, podendo haver mais de um episódio ao longo da adolescência”. A depressão nessa faixa etária traz inúmeros prejuízos ao adolescente (SJÖBERG, NILSSON, & LEPPERT, 2005; CALEAR & CHRISTENSEN, 2010; THAPAR, COLLISHAW, PINE, & THAPAR, 2012; CARBALLO, et al., 2019; FINNING, et al., 2019). Desfechos negativos em longo prazo, ou seja, na idade adulta, também são relatados em adolescentes com depressão (JOHNSON et al., 2018; CLAYBORNE, VARIN, & COLMAN, 2019).

A depressão pode levar ao suicídio. No Brasil, o suicídio é a terceira maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, só perdendo para mortes por acidentes e por violência interpessoal (inclui assassinatos, agressão, brigas, bullying e violência entre parceiros sexuais e situações de abuso) (PROCHET, 2019, p.46).

No entanto, nem sempre a depressão na adolescência é adequadamente reconhecida e tratada (BAHLS, 2002; THAPAR, COLLISHAW, PINE, & THAPAR, 2012; ZUCKERBROT, CHEUNG, JENSEN, STEIN, & LARAQUE, 2018). Além disso, numa perspectiva secular, existe um aumento nos sintomas internalizantes (incluindo sintomas depressivos), principalmente em adolescentes do sexo feminino (BOR, 2014; PROCHET, 2019), o que gera maiores preocupações quanto às questões de saúde mental em adolescentes.

Diante desse cenário, a escola pode ter participação efetiva no processo de prevenção da depressão, por meio de programas de divulgação de informações sobre o problema, bem como ser um local de observação e de rastreamento de adolescentes com transtornos mentais e comportamentos suicidas. Programas específicos de prevenção da depressão na adolescência, realizados dentro do ambiente escolar, podem afetar positivamente os desfechos dessa doença, principalmente quando utilizados em estudantes com fatores de risco para o desenvolvimento da doença, como a história familiar positiva, estresses agudos ou crônicos, relações familiares conflituosas, vitimização por bullying e abusos (CALEAR & CHRISTENSEN, 2010; THAPAR, COLLISHAW, PINE, & THAPAR, 2012; WERNER-SEIDLER, PERRY, CALEAR, NEWBY, & CHRISTENSEN, 2017).

Entender as percepções dos alunos sobre como os professores e o contexto escolar podem contribuir com essas medidas é fundamental no processo de criação e implantação de programas de saúde mental dentro das escolas (HALL, FULLERTON, FITZGERALD, & GREEN, 2018), uma vez que não existe na literatura um consenso sobre como implantar esse tipo de programa, qual o público-alvo e qual a melhor abordagem para tais programas de prevenção dentro do espaço escolar (DRAY et al., 2017). Dessa forma, tendo em vista a vertente biológica, esse estudo buscou responder a seguinte indagação: quais são as percepções dos alunos de uma escola pública federal de ensino médio e técnico sobre a depressão e sua relação com o contexto escolar? Diante dessa questão, o presente trabalho teve como objetivo levantar e analisar as percepções dos alunos do ensino médio técnico integrado, em uma instituição de ensino federal, sobre a depressão.

2 MÉTODOS

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa realizada para a produção de uma dissertação de mestrado. A pesquisa apresenta um caráter exploratório e qualitativo, na qual para a coleta de dados foi aplicado um questionário estruturado com perguntas fechadas, assim como foram realizados grupos focais junto aos participantes da pesquisa (FLICK & BARBOUR, 2009). A pesquisa ocorreu no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), uma instituição de ensino federal que oferece os cursos técnicos integrados ao ensino médio (ou seja, ensino médio regular integrado ao curso técnico), subsequentes (pós-médio), tecnológicos, de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *strictu sensu* (mestrado e doutorado), nas modalidades presencial e à distância.

Para a realização dos grupos focais, foram realizados contatos com professores da instituição (dois professores do *campus* Maracanã e um professor do *campus* Nova Iguaçu). Esses professores apresentaram o projeto para os seus alunos do ensino médio integrado convidando-os a participar da coleta de dados. Foram agendados horários e locais para a realização dos encontros, e participaram da pesquisa os estudantes que apresentaram os respectivos termos de consentimento livre e esclarecido assinados, inclusive pelos responsáveis dos alunos menores de idade. A escolha desses grupos se deu pelo fácil acesso dos professores junto às suas turmas. A coleta de dados ocorreu dentro do ambiente escolar e fora dos horários de aulas regulares desses alunos.

Ao todo, foram realizados seis encontros, entre o período de dezembro de 2017 e outubro de 2018. Para tanto, os participantes preencheram um questionário estruturado com perguntas fechadas contendo informações socioeconômicas antes das discussões. As sessões de grupos focais tiveram durações entre 50 minutos e 1 hora e 20 minutos, bem como uma moderadora (profissional médica do CEFET/RJ) conduziu as sessões usando um roteiro pré-estabelecido pelos pesquisadores. As sessões de grupo focal foram gravadas (vídeo e áudio) e posteriormente transcritas de forma integral para a etapa de análise.

Importante destacar que o trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e autorizado pela direção-geral do CEFET-RJ. Os alunos participantes que eram menores de idade assinaram um termo de assentimento, assim como os seus pais assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a participação de seus filhos no trabalho. Os alunos maiores de idade assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

2.1 Análise de dados

A análise de dados foi feita a partir da técnica de tematização de Fontoura (2011). Esta técnica sugere efetuar a análise de dados coletados a partir de sete etapas: 1) Transcrição do material coletado de forma oral; 2) Leitura flutuante do material transcrito; 3) Delimitação do corpus de análise; 4) Agrupamento de temas relevantes para o objetivo do trabalho; 5) Definição de unidades de contexto e unidades de significado; 6) Separação das unidades de contexto do corpus de análise; 7) Interpretação dos resultados à luz dos referenciais teóricos. Todas essas etapas foram seguidas durante a análise dos dados coletados, com a organização de quadros identificando as unidades de contexto e de significado.

Na transcrição do material, os alunos foram identificados por meio de nomes fictícios. Optou-se por esse método de identificação para preservar a identidade dos participantes. Além disso, não houve correções ortográficas com relação às falas dos participantes, mantendo-as integralmente.

3 RESULTADOS

3.1 Características socioeconômicas

O trabalho foi realizado com 43 alunos, sendo 22 (51,1%) do sexo feminino e 21 (48,9%) do sexo masculino. As idades variaram entre 15 e 20 anos. Em relação ao local de residência, 21 alunos (48,9%) são moradores do município do Rio de Janeiro, enquanto o restante mora em municípios da Baixada Fluminense (Nova Iguaçu, São João de Meriti, Mesquita e Belford Roxo). Observa-se a partir dos dados que 19 alunos (44,2%) são oriundos de escolas públicas, previamente ao seu ingresso no CEFET/RJ. Três alunos referiram que trabalhavam, embora recebesse auxílio financeiro de sua família, como também 25 participantes (58,1%) pertencem às classes sociais D ou E, de acordo com o rendimento salarial de suas famílias. Quanto à cor, 20 alunos (46,5%) se autodenominaram pardos, 17 (39,5%) brancos e seis (14%) alunos negros. Dentre esses, 11 (25,5%) alunos eram do *Campus* Maracanã e 32 do *campus* Nova Iguaçu. Também foram identificados seis (13,9%) alunos no primeiro ano, enquanto 38 estudavam no terceiro ano quando foram realizados os grupos focais. Com a análise dos questionários, verificou-se ainda que 14 alunos pertenciam ao curso técnico de Enfermagem, dez ao curso técnico de Informática, dez ao curso técnico de automação, seis ao curso técnico de Turismo e três ao curso técnico de Edificações.

3.2 Dados dos grupos focais

Conforme a técnica descrita por Fontoura (2011), o material transcrito foi lido cuidadosamente e suas unidades de contexto e significados separados em temas e subtemas. Portanto, foram identificados após a análise dos relatos três temas, conforme o quadro 1.

Quadro 1: Tematização das falas dos participantes

Temas	Subtemas
Conhecimentos prévios dos alunos sobre depressão	Definições e etiologias
	Estigmatização e percepção social
	Atitudes dos alunos frente a casos de depressão
Fatores precipitantes e/ou desencadeadores da depressão	Fatores socioculturais
	Fatores acadêmicos
Abordagens possíveis para prevenção da depressão dentro da escola	

Fonte: Dados da pesquisa

3.3 Conhecimentos prévios dos alunos sobre depressão

3.3.1 Definições e etiologias

Após a análise dos dados da pesquisa, verificou-se que grande parte dos participantes da pesquisa relacionava a depressão com sentimento de tristeza, autoestima baixa, solidão e vazio. Os alunos do curso técnico de Enfermagem e aqueles que relataram durante a discussão que já tiveram, em algum momento de suas vidas, o diagnóstico de depressão, foram mais propensos a definir a depressão como uma doença com manifestações clínicas específicas. Alguns alunos reconheceram que existem diferenças entre uma tristeza pontual e a depressão; porém, mesmo esses alunos descrevem ser difícil a diferenciação entre essas duas situações em suas práticas diárias, a fala a seguir detalha esse aspecto:

“Qual é o limite de você tá só triste e qual o limite de você tá com uma doença? Isso é muito complicado.” (Aluna Jandira, 16 anos).

Praticamente todos os estudantes relacionaram a depressão com o comportamento suicida. Alguns relataram o comportamento suicida como sendo um ponto final da doença depressiva. Alguns outros percebem a doença como sendo incurável, tal como exemplifica o depoimento a seguir:

“Cara, geralmente a pessoa nunca se cura de verdade na depressão, né?” (Aluno Daniel, 16 anos)

3.3.2 Estigmatização e percepção social

Os alunos, em quase sua totalidade, percebem que existe uma estigmatização da doença, como o afastamento e o isolamento das pessoas que sofrem desse mal. Eles percebem que a doença é tratada de forma pouco importante, como se fosse algo menor do que é, ou como se fosse algo imaginado por quem vivencia aquela situação, e que esse comportamento acontece principalmente entre pessoas mais velhas, sendo que os mais jovens tendem a aceitar melhor a doença. Também referiram que as famílias apresentam dificuldades com o diagnóstico, o que acarreta atraso no tratamento e aumento do sofrimento.

“Sempre, existiu a doença mental, só que antigamente as gerações passadas, não se abriam pra esse tipo de assunto, eles achavam que quem se abria, eles falavam que não, que isso é frescura, entendeu? Você tá assim porque você quer, você tá triste porque você tá fazendo isso, porque você quer” (Aluno Douglas, 17 anos).

Muitos destacaram que os pacientes depressivos não procuram ajuda para seu problema por estarem incapacitados ou envergonhados de seu quadro clínico.

“Então, foi assim o que ela falou: quem tá depressivo não vai procurar ajuda, é muito difícil ir, a pessoa não consegue nem sair do seu quarto, sabe? Não consegue nem fazer nada. Pra ela virar e falar assim: poxa, preciso da sua ajuda, entendeu?” (Aluna Nayara, 18 anos).

3.3.3 Atitudes dos alunos frente a casos de depressão

Os estudantes mencionam a grande dificuldade e o desconforto com o tema, uma vez que não sabem reconhecer a doença em si mesmo e nos seus colegas. Ressaltam ainda em seus depoimentos que se sentem impotentes com relação a colegas que possam apresentar a doença, e não sabem como podem ajudar, embora tenham esse desejo.

“Porque tipo assim, às vezes a gente consegue identificar que uma pessoa tá com esse problema, a gente vê claramente, mas é o que todo mundo falou aqui: o que que a gente vai fazer? Porque tipo, a gente não é profissional, a gente ainda nem é adulto, entendeu?” (Aluna Sandra, 17 anos).

Alguns alunos, em especial o grupo de meninas, sublinharam em suas narrativas que já passaram ou passam por situações de depressão. Alguns alunos referiram ter tido contato com pessoas com depressão, principalmente familiares, e que o sofrimento causado neles é igual ou maior do que o doente sofre.

“E, é uma coisa muito triste, sabe, porque não é só a pessoa que passa pela situação. São os familiares e quem tá perto também, os amigos.” (Aluna Amanda., 18 anos)

Observa-se ainda ao longo dos depoimentos que alguns estudantes acreditam que estão imunes a doença por serem pessoas felizes e com boa autoestima.

3.4 Fatores precipitantes e/ou intensificadores da depressão

3.4.1 Fatores sociais

Para o grupo, as relações sociais fornecem importantes contribuições para a questão da depressão. De acordo com a fala dos alunos, dentre os principais causadores, destacam-se: idealização da vida (acreditar que a vida deve ser sempre perfeita e sem dificuldades), necessidade de aceitação pelos pares, competitividade, as mudanças da vida infantil para a adulta, relações familiares (principalmente cobranças e abandono), bullying, opção sexual, sensação de invisibilidade dentro da sociedade, frustrações, situação financeira e uso excessivo da tecnologia.

3.4.2 Fatores acadêmicos

As questões relacionadas ao ambiente escolar apresentam destaque para esse grupo de adolescentes. Dentre as principais contribuições levantadas por esses alunos, destacam-se: cobrança e carga horária excessiva, provas difíceis e notas ruins, o bom relacionamento com os colegas, relacionamento difícil com professores e outros funcionários da escola, sensação de abandono por parte da instituição.

3.5 Abordagens possíveis para a prevenção da depressão dentro da escola

Os alunos, de forma espontânea, levantaram possibilidades de intervenção para prevenção dentro da sua realidade escolar. Dentre as sugestões mais levantadas, incluem-se: presença de psicólogo escolar que realize atendimentos emergenciais e acompanhamento dos alunos; debates, aulas e palestras que conscientizem sobre o tema e sobre os fatores de risco; e intervenções com professores e funcionários das escolas de forma que os mesmos possam contribuir para um melhor ambiente escolar.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados do presente estudo geraram reflexões a respeito do conhecimento e percepções sobre o tema depressão a partir do olhar dos adolescentes estudantes do ensino médio técnico integrado em uma escola pública federal no Rio de Janeiro. A amostra de adolescentes participantes do estudo se mostrou bem diversificada no que diz respeito ao sexo, cor e perfil socioeconômico. Alguns fatores individuais como sexo feminino e nível socioeconômico mais baixo tendem a contribuir para o risco aumentado de depressão (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2017; PROCHET, 2019) e sendo assim, uma amostra diversificada, tal como observado no presente trabalho, pode trazer contribuições mais abrangentes a respeito do tema, principalmente quando analisados os discursos dos grupos de risco para a depressão.

Os adolescentes participantes, principalmente os que nunca tiveram contato com a doença ou nunca foram apresentados a esse contexto pela educação formal, como os estudantes de áreas técnicas não pertencentes à área da saúde, apresentam dificuldades na definição da depressão como doença, e nos limites entre o que é tristeza e depressão. Da mesma forma, Benincasa (2006) e Prochet (2019) percebe que o sentimento (tristeza) é predominante na relação que os adolescentes estabelecem com os temas de depressão e suicídio. Fornos et al (2005) também constataram em sua amostra de estudantes mexicanos dificuldades em definir a depressão como uma doença, o que pode levar a percepção reduzida na identificação de pessoas com depressão e na oferta de ajuda para essas pessoas. O comportamento dos participantes da pesquisa frente aos casos de depressão, em particular a crença de que pessoas com depressão não conseguem solicitar ajuda com facilidade, reforça estigmas a respeito do tema, podendo gerar barreiras para que esses adolescentes consigam oferecer ou buscar redes de apoio que colaborem para a assistência adequada dessa morbidade (TOWNSEND, et al., 2017).

Quanto à importância dos fatores sociais para o desenvolvimento da doença, a idealização da vida, com a demonstração de uma felicidade e adaptação ao cotidiano que não existem na realidade também foram aspectos a serem considerados pelos alunos. Para eles, esses comportamentos podem ser mais um motivo de estresse nessa faixa etária, sendo uma das causas para o adoecimento. Nessa corrente, Hoge, Bickham e Cantor (2017) destacam que o uso da internet, e em especial das mídias sociais, tendem a expor o jovem a imagens de vidas idealizadas, gerando assim comparações e insatisfação em relação a sua própria vida. De acordo com Prochet (2019) esses componentes podem colaborar para os sintomas de ansiedade e depressão.

No que tange aos fatores acadêmicos, vale dar destaque aos relacionamentos dentro do ambiente escolar, tanto entre os pares quanto entre os professores e demais funcionários da escola, tendo em vista que as falas dos alunos participantes sugerem que as relações de amizade entre os alunos e entre alunos e professores podem atuar positivamente para a prevenção da depressão. Nessa corrente, Millings (2012) em estudo transversal realizado com 5022 adolescentes, sugere que os sintomas de humor deprimido são inversamente proporcionais com a conectividade entre os atores do ambiente escolar e com a autoestima dos alunos. Benevides et al. (2015) encontraram diferenças estatisticamente significativas entre subescalas de depressão. Em seu estudo, variáveis como satisfação com a escola, com a turma, com os amigos da escola e com professores evidenciaram a presença de alunos mais satisfeitos e com isso, na subescala esses alunos apresentaram valores mais baixos na dimensão depressão. Diante do exposto, a presença de programas de prevenção da depressão dentro da escola pode ser mais eficaz quando envolve medidas de resolução de conflitos e melhoria do ambiente escolar como um todo. Além disso, os professores podem atuar como coadjuvantes no processo de identificação de alunos possivelmente adoecidos. Finning (2019) observa que mudanças nos padrões de comportamento e de desempenho escolar pode ser parte do espectro clínico da depressão em adolescentes. Dessa forma, o treinamento específico de professores e outros funcionários da escola quanto aos aspectos da doença pode ser benéfico para o estabelecimento de um programa de prevenção a depressão dentro do contexto escolar.

Ainda nessa vertente, durante o discurso dos participantes da pesquisa, evidenciaram-se narrativas que sugerem a necessidade de implantação de programas institucionais voltados para o debate acerca do tema dentro do ambiente escolar, além de atendimentos e apoio psicológico. Na literatura especializada, há muitos estudos que evidenciam a eficácia de programas de prevenção da depressão ambientados na escola. Calear et al (2010), em um trabalho de revisão sistemática, encontraram benefícios na implantação de programas de prevenção e intervenção precoce da depressão tanto imediatamente após a implantação de tais programas quanto no seguimento, principalmente quando as intervenções são realizadas em estudantes com sintomas de depressão ou risco aumentado para a doença. A meta-análise realizada por Werner-Seidler (2017) corroboram tais resultados. As melhores intervenções e a idade ideal para sua aplicação, porém, merecem estudos para melhor definição de tais aspectos.

Vale ainda ressaltar que ao se estabelecer as prioridades relacionadas à prevenção e ao tratamento de transtornos mentais deve levar em consideração as atitudes e crenças do grupo alvo que se deseja alcançar (HALL, FULLERTON, FITZGERALD & GREEN, 2018; KRAUSE, BEAR, EDBROOKE-CHILDS & WOLPERT, 2019). Sendo assim, a realização de grupos focais dentro das escolas para averiguação do nível de conhecimento e percepções dos adolescentes a respeito da depressão pode auxiliar na escola da melhor abordagem de uma população específica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos relatos, podemos concluir que para esses alunos a escola deve ser um ambiente de discussão e prevenção da depressão. Na visão deles, são necessárias a implementação de medidas como a reestruturação do ambiente pedagógico, divulgação de informações entre estudantes e professores, além da presença de um ambiente de gerenciamento de conflitos no espaço escolar.

Verificamos ainda que o emprego da técnica do grupo focal para a realização da pesquisa favoreceu o debate entre os participantes da pesquisa, de modo que o ato de ouvir uns aos outros e a si mesmo enriqueceu a discussão, promovendo um ambiente de reflexão acerca de questões que tangenciaram os temas depressão e suicídio, tais como o isolamento escolar, competitividade, bullying, cobranças e sobrecarga de tarefas escolares. Por conseguinte, a pesquisa descortinou questões do cotidiano escolar que comumente não são debatidas nas escolas junto aos alunos.

Compreender as expectativas e posições dos alunos em relação ao tema pode ser um importante caminho para estabelecimento de programas de prevenção da depressão dentro do ambiente escolar. Importa ressaltar que, em função do pequeno número de participantes, esta pesquisa não buscou realizar generalizações acerca da percepção sobre a depressão e suas relações com o ambiente escolar. Contudo, o estudo evidenciou um cenário particular, que aponta para a necessidade de implementação de ações voltadas para a saúde mental dos estudantes da instituição de ensino.

Por fim, acreditamos que estudos qualitativos como esse possam fomentar o debate acerca da doença no espaço escolar, bem como dar subsídios para a implementação de ações e programas de prevenção em saúde mental dentro de instituições de ensino voltadas para o público adolescente.

REFERÊNCIAS

- BAHLS, S.C. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 5, 2002.
- BENEVIDES, J., et al. Sintomatologia depressiva e (In)satisfação escolar. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación**, v. Extra. (5), 2015.
- BENINCASA, M.; REZENDE, M.M. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. **Boletim de psicologia**, v. 56, n. 124, 2006.
- BOR, W. Are child and adolescent mental health problems increasing in the 21st century? A systematic review. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, v. 48, n. 7, 2014.
- CALEAR, A.L.; CHRISTENSEN, H. Systematic review of school-based prevention and early intervention programs for depression. **Journal of Adolescence**, v. 33, 2010.
- CARBALLO, J.J., et al. **Psychosocial risk factors for suicidality in children and adolescents. European Child & Adolescent Psychiatry**, 2019.
- CLAYBORNE, Z. M.; VARIN, M.; COLMAN, I. Systematic review and meta-analysis: Adolescent depression and long-term psychosocial outcomes. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 58, n. 1, 2019.
- DRAY, J et al. Systematic review of universal resilience-focused interventions targeting child and adolescent mental health in the school setting. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 56, n. 10, 2017.
- FINNING, K., et al. The association between child and adolescent depression and poor attendance at school: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 245, 2019.
- FLICK, U.; BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Grupos focais. 2009.

FONTOURA, H.A. **Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa.** Niteroi: Intertexto, 2011.

FORNOS, L. B., et al. A qualitative study of mexican american adolescents and depression. **Journal of School Health**, v.75, n.5, 2005.

HALL, M., et al. Suicide risk and resiliency factors among hispanic teens in New Mexico: schools can make a difference. **Journal of School Health**, v. 88, n. 3, 2018.

HOGUE, E; BICKHAM, D.; CANTOR, J. **Digital media, anxiety, and depression in children.** **Pediatrics**, v. 140, 2017.

JOHNSON, D et al. Adult mental health outcomes of adolescent depression: A systematic review. **Depression and anxiety**, v. 35, n. 8, 2018.

KRAUSE, K.R., et al. Review: What outcomes count? Outcomes measured for adolescent depression between 2007 and 2017. **Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry**, v. 58, n.1, 2019.

MILLINGS, A., et al. School connectedness, peer attachmentm, and self-esteem as predictors of adolescent depression. **Journal of adolescent**, v. 35, 2012.

OTTE, C. et al. Major depressive disorder. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 2, 2016.

PARK, L.T.; ZARATE JR, C.A. Depression in the primary care setting. **The New England of Medicine**, v. 380, n. 6, 2019.

POLANCZYK, G.V., et al. Annual Research Review: A meta-analysis of the worldwide prevalence of mental disorders in children and adolescents. **The Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 56, n. 3, 2015.

PROCHET, N. Depressão na adolescência: só quem se mostra se encontra. **Cadernos de Psicanálise**, v. 35, n. 1, p. 45-52, 2019

SJÖBERG, R. L.; NILSSON, K. W; LEPPERT, J. Obesity, shame, and depression in school-aged children: a population-based study. **Pediatrics**, v. 116, 2005.

THAPAR, A., et al. Depression in adolescence. **Lancet**, v. 379, 2012.

TOWNSEND, L., et al. The association of school climate, depression literacy, and mental health stigma among high school students. **Journal of school health**, v. 87, n.8, 2017.

WERNER-SEIDLER, A., et al. School-based depression and anxiety prevention programs for young people: A systematic review and meta-analysis. **Clinical Psychology Reviews**, v. 51, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATIN. **Depression and other common mental disorders: Global Health Estimates.** 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf;jsessionid=36073F33996232B4E7D2DD059343F588?sequence=1>. Acesso em: 07 dez. 2020.

ZUCKERBROT, R. A., et al. Guidelines for adolescent depression in primary care (GLAD-PC): Part I. Practice preparation, identification, assesement, and initial management. **Pediatrics**, v. 141, 2018.